

RUTE SUSANA PINTO PEREIRA

**VINCULAÇÃO E PERTURBAÇÃO DE JOGOS DE
INTERNET EM ADULTOS EMERGENTES: QUE
LINKS COM A ALEXITIMIA E A COMUNICAÇÃO
PARENTO-FILIAL?**

Orientador: Professora Doutora Ana Prioste

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Psicologia e Ciências da Vida

2º Ciclo em Psicologia Clínica e da Saúde

Lisboa

2020

RUTE SUSANA PINTO PEREIRA

**VINCULAÇÃO E PERTURBAÇÃO DE JOGOS DE
INTERNET EM ADULTOS EMERGENTES: QUE
LINKS COM A ALEXITIMIA E A COMUNICAÇÃO
PARENTO-FILIAL?**

Dissertação defendida em provas públicas para
obtenção do Grau de Mestre no Curso de Mestrado em
Psicologia Clínica e da Saúde, conferido pela
Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
no dia 02/10/2020, com o Despacho de Nomeação de
Júri Nº 186/2020, de 07 Julho de 2020, com a seguinte
composicao:

Presidente: Prof.^a Doutora Isabel Santos

Arguente: Prof.^a Doutora Barbara Nazaré

Orientador: Prof.^a Doutora Ana Prioste

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Psicologia e Ciências da Vida

2º Ciclo em Psicologia Clínica e da Saúde

Lisboa

2020

Resumo

Apesar da escassez da literatura na área da perturbação de jogos de Internet, tem sido realçada a complexidade etiológica e expressiva desta perturbação e a relevância de estudos que permitam alargar os modelos de compreensão, diagnóstico e intervenção. No sentido de dar resposta a este problema, o presente trabalho pretendeu: (a) analisar a relação entre a perturbação de jogos de Internet, a vinculação, a alexitimia e a comunicação parento-filial; e (b) explorar o papel mediador da alexitimia e da comunicação parento-filial na relação entre a vinculação e a perturbação de jogos de Internet. Neste estudo, participaram 259 adultos emergentes, com idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos ($M = 23.12$, $DP = 3.34$), através do preenchimento de um conjunto de questionários de autorrelato para avaliar as variáveis referidas. À semelhança do que é referido na literatura, os resultados sugerem que o estilo de vinculação segura e a comunicação parento-filial assumem um papel protetor e a alexitimia representa um fator de risco para o desenvolvimento da perturbação de jogos de Internet. Este estudo poderá ter utilidade no delineamento de programas de intervenção individuais e familiares, na adultez emergente e para a literatura nas áreas da Psicologia do Desenvolvimento e Psicologia da Família.

Palavras-chave: adultez emergente; perturbação de jogos de Internet; vinculação; alexitimia; comunicação parento-filial.

Abstract

Despite the scarcity of literature in the area of Internet gaming disorder, the etiological and expressive complexity of this disorder and the relevance of studies that allow broadening the models of understanding, diagnosis and intervention have been highlighted. In order to respond to this problem, the present work intended to: (a) analyze the relationship between the Internet gaming disorder, attachment, alexithymia and communication between parents and young emerging adult children; and (b) explore the mediating role of alexithymia and parent-child communication in the relationship between attachment and Internet gaming disorder. This study involved 259 emerging adults, aged between 18 and 30 years old ($M = 23.12$, $SD = 3.34$), by completing a set of self-report questionnaires to assess the referred variables. Similar to what is reported in the literature, the results suggest that secure attachment style and parent-child communication plays a protective role and alexithymia represents a risk factor for the development of Internet gaming disorder. This study may be useful in the design of individual and family intervention programs, in emerging adulthood and for literature in the areas of Developmental Psychology and Family Psychology.

Keywords: emerging adulthood; Internet gaming disorder; attachment; alexithymia; parent-child communication.

Abreviaturas e Siglas

CEDIC – Comissão de Ética e Deontologia em Investigação Clínica

EPCV – Escola de Psicologia e Ciências da Vida

OMS – Organização Mundial de Saúde

PJI – Perturbação de Jogos de Internet

PUI – Perturbação do Uso da Internet

SPSS – Statistical Package for Social Sciences

ULHT – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Símbolos

DP – Desvio-Padrão

M – Média

N – Frequência absoluta

% – Percentagem

Índice

Resumo	3
Abstract	4
Abreviaturas e Siglas.....	5
Introdução	7
Perturbação de jogos de Internet	8
Vinculação	9
Funcionamento alexitímico	12
Comunicação parento-filial na adultez emergente	13
Relação entre a vinculação e a perturbação de jogos de Internet: o papel da alexitimia e comunicação parento-filial	15
Método	16
Participantes.....	16
Instrumentos	17
Procedimento de recolha de dados	20
Procedimento de análise de dados	20
Resultados.....	21
Estatística descritiva e análise das correlações.....	21
Papel mediador das dimensões da alexitimia e da comunicação parento-filial na relação entre a vinculação e a PJI	24
Discussão.....	26
Relação entre a PJI, as dimensões da vinculação, a comunicação parento-filial e a alexitimia	26
Papel mediador da alexitimia e da comunicação parento-filial na relação entre a vinculação e a PJI.....	27
Implicações para a literatura e para a prática	28
Limitações e estudos futuros	29
Referências	31

Introdução

As comunidades científica e clínica têm manifestado uma preocupação crescente com as consequências associadas ao uso problemático de jogos de Internet. A perturbação de jogos de Internet (PJI) está, atualmente, incluída na Secção III do Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais¹ (American Psychiatric Association, 2014) e no Manual de Classificação Internacional de Doenças (International Classification of Diseases, ICD-11) da Organização Mundial de Saúde (OMS). Esta patologia é definida como o “uso persistente e recorrente da Internet para envolvimento em jogos, frequentemente com outros jogadores, que conduz a um mal-estar clinicamente significativo indicado por cinco (ou mais) dos seguintes critérios, num período de doze meses: (1) preocupação com jogos de Internet, manifestada através de pensamentos e antecipação da realização do jogo, sendo que jogar se torna a atividade dominante do dia-a-dia; (2) sintomas de abstinência quando os jogos de Internet são retirados (e.g., irritabilidade, ansiedade ou tristeza); (3) tolerância, isto é, necessidade de despendar quantidades crescentes de tempo envolvido em jogos de Internet; (4) tentativas mal sucedidas de controlar a participação em jogos de Internet; (5) perda de interesse em passatempos e atividades de entretenimento prévias, como resultado do uso de jogos de Internet e à exceção destes; (6) uso excessivo continuado, apesar do conhecimento dos problemas psicossociais; (7) ter enganado membros da família, terapeutas ou outros, relativamente à quantidade de tempo despendido a jogar jogos de Internet; (8) uso de jogos de Internet para evitar ou aliviar o humor negativo (e.g., desesperança, culpa, ansiedade, entre outros); (9) ter arriscado ou perdido uma relação significativa, emprego ou oportunidades educacionais ou de carreira devido à participação em jogos de Internet” (American Psychiatric Association, 2014, p. 945-946).

Atendendo à complexidade etiológica e expressiva da PJI, é reconhecida a necessidade de um corpo mais vasto e aprofundado de evidências empíricas sobre as suas características que permita alargar os modelos de compreensão, diagnóstico e intervenção e compreender o papel dos contextos e da etapa desenvolvimental. Especificamente, tem sido apontada a necessidade de identificação de fatores de risco e de proteção individuais (e.g., emocional), relacionais e familiares associados à PJI. O presente trabalho pretende dar resposta a este problema, analisando as relações entre a PJI e diversas variáveis individuais (e.g., funcionamento alexitímico), relacionais (e.g., vinculação) e familiares (e.g., comunicação parento-filial) numa amostra de adultos emergentes com idades compreendidas entre os 18 e

¹ *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* de ora em diante denominado de DSM-5.

os 30 anos; e investigar o papel mediador do funcionamento alexitímico e da comunicação parento-filial na relação entre a vinculação e a PJI.

Perturbação de jogos de Internet

Apesar da investigação na área das adições *online* ter crescido consideravelmente nas últimas duas décadas, a maioria dos estudos distingue claramente a perturbação do uso da Internet da PJI (Griffiths, 2000). Neste sentido, Griffiths (1999, 2000) aponta uma diferença fundamental entre a adição *à* Internet e a adição *na* Internet, considerando que o jogador patológico tem uma adição ao jogo e não tem uma adição à Internet, já que usa a Internet como veículo para jogar videojogos.

A PJI apresenta características clínicas semelhantes às adições a substâncias, considerando que envolve mecanismos de tolerância, abstinência, tentativas repetidas e mal sucedidas de reduzir ou parar e défices no funcionamento normal como resultado e em função da relação estabelecida com o jogo (Griffiths, 2008). A identificação destas características contribuiu para que a PJI fosse descrita como uma perturbação comportamental ou adição e não como uma perturbação do controlo dos impulsos (Reilly & Smith, 2013).

Existe uma grande variabilidade em relação à prevalência da PJI – entre 1.2% a 8.5% –, dependendo do contexto sociocultural (i.e., país de proveniência da amostra), do instrumento e dos critérios utilizados para o diagnóstico (Griffiths, Kuss, & Pontes, 2016). A literatura tem salientado o papel de variáveis individuais (e.g., sexo, idade e genética), relacionais e familiares no desenvolvimento da PJI. Parece haver concordância em relação a uma maior prevalência da PJI no sexo masculino, em comparação com o feminino (8.4% vs. 2.9%) (Wartberg, Kriston, & Thomasius, 2017). Em relação aos grupos etários, os adolescentes e adultos emergentes parecem apresentar maior vulnerabilidade ao jogo compulsivo (Orford, 2011).

Ao nível individual, a predisposição genética e hereditária e a componente neurobiológica também são mencionados como fatores de risco. Neste sentido, Young (2011) defende que as dependências comportamentais (e.g., Internet, jogo, comida, sexo, entre outros) estão ligadas a processos dopaminérgicos da via mesolímbica e do centro de recompensa do cérebro, pelo que uma estimulação excessiva (i.e., o uso abusivo de jogos de Internet) produz uma dessensibilização dos recetores de dopamina, gerando uma necessidade de maior exposição para obtenção de prazer e provocando o reforço do comportamento e a

sustentação da dependência. Para além disso, existem comorbilidades com outros quadros clínicos (e.g., ansiedade, depressão) e outras adições (Hubert, 2014).

O desenvolvimento da PJI tem também sido associado a níveis baixos de auto-estima, de competências sociais, de regulação do humor, de auto-controlo e de competências de resolução de problemas e de tomada de decisão, a níveis elevados de impulsividade, ao início precoce de experiências de jogo e à gestão emocional através do jogo (Paulus, Hohmann, Gontard, & Popow, 2018; Gentile, et. al., 2011; Liao et al., 2015; Pontes & Griffiths, 2015). Estas variáveis poderão ser potenciadas por fatores externos e situacionais do jogo *online* como o conforto e segurança de jogar em casa, o anonimato e a confidencialidade e a facilidade de acesso a partir de qualquer dispositivo (telemóvel, *tablet*, computador, consola, entre outros) (Griffiths & Nuyens, 2017; Patrão & Sampaio, 2016).

Ao nível familiar, vários estudos têm mostrado que a satisfação na relação com os pais (Lee & Kim, 2017), relações positivas e próximas entre pais e filhos (Choo et al., 2015), a comunicação parento-filial (Kim, 2012) e a perceção de harmonia familiar (Wang et al., 2013) estão associados a baixos níveis de adição ao jogo. Por outro lado, relações familiares disfuncionais e conflituosas, baixos níveis de controlo parental e baixo suporte familiar estão associados a níveis mais elevados de adição ao jogo (Rodríguez et al., 2018; Bonnaire & Phan, 2017).

Vinculação

A teoria da vinculação (Bowlby, 1973, 1977, 1988) postula a existência de um sistema psicobiológico inato – sistema comportamental de vinculação – que motiva a procura da proximidade de uma figura desde o nascimento. A relação de vinculação foi caracterizada através: da persistência no tempo; do envolvimento de uma figura percebida como insubstituível e emocionalmente significativa; do desejo de manter a proximidade ou contacto com esta figura significativa que funciona como uma base segura para explorar os contextos e experiências não familiares; do protesto como manifestação de sentimento de *distress* quando é separada da figura de vinculação e tentativa de evitar a separação; e da procura de conforto na figura de vinculação em situações percebidas como ameaçadoras ou alarmantes (Ainsworth, 1978; Bowlby, 1977, 1988; Cassidy & Shaver, 2016; Sigelman & Rider, 2018).

A relação entre a díade criança-figura de vinculação e a responsividade desta figura às necessidades da criança têm um papel fulcral no desenvolvimento de competências emocionais, sociais e cognitivas ao longo do ciclo de vida (Ainsworth, 1989; Canavarro, Dias, & Lima, 2006; Cassidy & Shaver, 2016). Apesar de não ser consensual que o padrão de

vinculação observado na infância se mantenha na adultez (Shaver et al., 1988), a evidência empírica é consistente ao mostrar que a vinculação estabelecida na infância tem implicações a longo-prazo em termos do desenvolvimento e manutenção de psicopatologia e das relações íntimas estabelecidas (Cassidy & Shaver, 2016; Feeney & Noller, 1990). Tal tem sido explicado a partir da persistência dos modelos internos dinâmicos (i.e., representações mentais dinâmicas e relacionais desenvolvidas com base na internalização de experiências com os cuidadores e nas expectativas em relação à acessibilidade e responsividade dos cuidadores) sobre o *self* e até à idade adulta (Canavarro, Dias, & Lima, 2006). Neste sentido, as crianças com uma vinculação segura (i.e., representação positiva de si e dos outros) desenvolveriam modelos de funcionamento internos positivos, percecionando-se como merecedoras de afeto e confiança (Canavarro, Dias, & Lima, 2006; Cassidy & Shaver, 2016; Sigelman & Rider, 2018). Realça-se, contudo, a possibilidade dos modelos internos dinâmicos serem modificados ao longo das trajectórias desenvolvimentais através de contextos e experiências relacionais específicas (Bartholomew & Shaver, 1998; Bowlby, 1978; Collins & Read, 1994), nomeadamente, a perda de uma figura de vinculação, a qualidade das relações amorosas, a intervenção psicoterapêutica.

Os estudos iniciais da vinculação baseados na interação entre a criança e a figura de vinculação permitiram o estudo da privação materna (Bowlby, 1969,1984) e a identificação de quatro padrões de vinculação – seguro, inseguro evitante, inseguro ambivalente (Ainsworth et al., 1978) e desorganizado (Main & Soloman, 1986). Os estudos sobre a vinculação no adulto desenvolvidos, inicialmente, por Hazan e Shaver (1987) investigaram a associação entre os estilos de vinculação da infância e da adultez. Hazan e Shaver (1987) identificaram três padrões de vinculação que surgiriam na infância e permaneceriam até à idade adulta – seguro², inseguro evitante³ e o inseguro ansioso/ambivalente⁴. Os trabalhos de Bartholomew e Horowitz (1991) também contribuíram para o estabelecimento da relação entre a vinculação na infância e na adultez, através do desenvolvimento de um modelo bidimensional que integra quatro categorias de vinculação na adultez – seguro, preocupado, desligado e amedrontado.

² Engloba pessoas que sentem conforto com a proximidade, são capazes de estabelecer relações de confiança e não sentem receio em ser abandonadas.

³ Integra pessoas que não se sentem confortáveis com a proximidade, não confiam nos outros e não sentem receio em ser abandonadas.

⁴ Descreve um grupo de pessoas que não se sente confortável com a proximidade, não confia nos outros e sente elevado receio da possibilidade em ser abandonado.

A vinculação do adulto tem sido estudada através de diferentes abordagens: as categoriais ou tipológicas, as dimensionais e as prototípicas (Bartholomew & Shaver, 1998). As abordagens categoriais têm por base os trabalhos de Hazan e Shaver (1987) que, a partir dos padrões seguro, inseguro evitante e inseguro ansioso/ambivalente, desenvolveram uma medida de avaliação e um sistema de classificação de vinculação na idade adulta, no contexto das relações amorosas. Esta abordagem é considerada redutora, já ao partir da premissa que os padrões são independentes entre si, não permite avaliar o grau e a extensão em que cada padrão caracteriza a pessoa (Collins & Read, 1990; Simpson, 1990). As abordagens dimensionais e as escalas de avaliação contínuas surgem com o intuito de ultrapassar esta limitação, assumindo uma maior variabilidade entre sujeitos e permitindo que a pessoa se situe em dimensões contínuas, em vez de impor a sua pertença rígida a um grupo (Collins & Read, 1990). Contudo, como as abordagens dimensionais apresentam desvantagens associadas à perda de informação (e.g., configurações significativas que não cabem dentro das dimensões) (Matos, 2002), têm sido desenvolvidas as abordagens prototípicas, que procuram conciliar, simultaneamente, a identificação de características de um grupo de sujeitos com a existência de variabilidade individual na pertença ao grupo (Bartholomew, 1990; Bartholomew & Horowitz, 1991). No presente estudo, optou-se por utilizar uma abordagem dimensional da vinculação.

Importa salientar, no contexto deste trabalho, que, apesar dos processos de autonomização e individuação da família de origem característicos da adultez emergente (Arnett, 2000; Beyers et al., 2003; Furstenberg, 2015), os pais continuam a funcionar como figuras de vinculação e o sistema de vinculação dos filhos é ativado perante situações percebidas como ameaçadoras (Rosenthal & Kobak, 2010). Para além disso, realça-se o facto de que a teoria da vinculação não se esgota na sua preponderância para a análise das relações, estendendo-se à regulação dos afetos e das emoções (Schore & Schore, 2007). Neste sentido, a teoria da vinculação tem sido utilizada também como suporte explicativo para o desenvolvimento de comportamentos aditivos relacionados com o uso problemático da *Internet* (chats, redes sociais, jogos *online*), considerando as interações que se estabelecem *online* com pessoas conhecidas e desconhecidas (Mikulincer & Shaver), alguns autores (e.g., Flores, 2004) sugerem que a adição seja uma perturbação da vinculação e as adições comportamentais representem uma transferência e compensação das necessidades individuais de vinculação para o seu objeto de adição. Assim, o comportamento aditivo tende a ser mantido ou substituído por outro, até que a pessoa aprenda as estratégias necessárias para

regular os seus afetos e desenvolver a capacidade de se relacionar intimamente com os outros. Em concordância, Patrão e Sampaio (2016) reforçam que “as relações estabelecidas *online* podem satisfazer necessidades de pessoas inseguras nos relacionamentos, pois, por um lado, podem proporcionar a distância emocional que os mais evitantes desejam e por outro permitir um contato persistente, senão mesmo um controlo, de que os mais ansiosos necessitam” (p. 123).

Nesta linha, a literatura tem mostrado uma associação entre a vinculação insegura e o uso problemático da Internet (Schimmenti et al., 2014), apontando a vinculação segura como um fator protetor (Odaci & Çikrikçi, 2014). Especificamente, o estudo de Bolat e colaboradores (2017), realizado com uma amostra de 444 adolescentes com idades compreendidas entre 16 e 17 ($M = 16.31$), indicou uma associação positiva entre a vinculação insegura e a alexitimia e o uso problemático da Internet. Bolat e colaboradores (2017) consideram que os adolescentes com uma vinculação insegura começam a usar a Internet de uma forma abusiva para interações virtuais com o objetivo de evitar emoções negativas emergentes das suas relações interpessoais (Schimmenti et al., 2014), mas também porque têm receio de ser rejeitados socialmente e estas interações *online* proporcionam-lhes um ambiente seguro para a socialização.

Funcionamento alexitímico

A alexitimia é descrita como um distúrbio cognitivo e afetivo caracterizado pela dificuldade na identificação e descrição de sentimentos (Prazeres, 2000), por um estilo de pensamento orientado para o exterior (Taylor, 1994) e pela incapacidade de diferenciar emoções e sensações corporais (Taylor & Bagby, 2000) que comprometem a regulação emocional. Assim, as pessoas com níveis elevados de funcionamento alexitímico tendem a agir compulsivamente as suas emoções (externalizando-as) como estratégia de diminuição ou de fuga à afetividade negativa e emoções que geram desconforto ou angústia (Bausseron, Luminet, & Groote, 2014).

O défice de regulação emocional, característico das pessoas com níveis elevados de funcionamento alexitímico, não lhes permite controlar, adequadamente, os impulsos (Fox, Axelrod, Paliwal, Sleeper & Sinha, 2007; Decker & Morie, 2016). Neste sentido, a evidência empírica mostra uma associação positiva entre a dificuldade de regulação emocional e comportamentos aditivos e o jogo patológico (Williams et al., 2012). O jogo surge, assim,

como forma de regulação, alívio ou fuga de estados emocionais desconfortáveis e ou negativos (Ricketts & Macaskill, 2003).

Do mesmo modo, estudos prévios indicam uma associação positiva entre o funcionamento alexitímico e as perturbações aditivas, nomeadamente, adições relacionadas com o uso de substâncias (e.g., álcool, drogas) (Morie et al., 2016), adição à Internet (Kandri, Bonotis, Floros, & Zafiropoulou, 2014) e jogo patológico (Bonnaire et al., 2017). Por exemplo, o estudo de Lumley e Roby (1995), realizado com estudantes universitários com idades compreendidas entre os 17 e os 55 anos ($M = 19$), analisou a associação entre a alexitimia (i.e., aspetos afetivos e cognitivos) e o jogo patológico. Este estudo mostrou que, comparativamente ao grupo de controlo, os jogadores patológicos apresentavam níveis de alexitimia três vezes superiores. Também os resultados do estudo de Scimeca e colaboradores (2014), realizado com uma amostra com idades compreendidas entre os 13 e os 22 anos ($M = 16.78$), mostraram que os participantes com níveis de alexitimia considerados patológicos apresentavam níveis mais elevados de adição à Internet.

Comunicação parento-filial na adultez emergente

Os processos comunicacionais estabelecidos entre os elementos da família, nomeadamente entre pais e filhos, desempenham um papel fundamental na definição das relações familiares (Carr, 2006; Watzlawick et al., 1967/1993). Os modelos teóricos sobre a comunicação parento-filial destacam a relevância das seguintes dimensões: 1) a abertura comunicacional e os problemas comunicacionais (Barnes & Olson, 1985; Watzlawick et al., 1993), 2) a expressão afetiva (Cummings & Cummings, 2002, Floyd & Morman, 2003; Segrin & Flora, 2005) e 3) o exercício da autoridade associado à função executiva (e.g. proteção, educação e integração na cultura familiar) (Herbert, 2004). A literatura sugere que a comunicação parento-filial seja influenciada por diferentes fatores, nomeadamente, (a) o sexo dos progenitores e filhos e (b) a etapa do ciclo vital da família (Carr, 2006). Em relação à influência do sexo dos progenitores e filhos, salientam-se os resultados de alguns estudos que sugerem que os filhos, de ambos os sexos, tendem a procurar mais as mães para comunicar do que os pais (Barnes & Olson, 1985; Crockett et al., 2007). Os processos de comunicação, à semelhança das relações familiares, tendem a mudar ao longo do ciclo da vida da família, de modo a responder aos desafios e mudanças que ocorrem em cada fase (McGoldrick, 2013; Segrin & Flora, 2005). Importa, então, compreender as especificidades individuais e familiares associadas à etapa da adultez emergente.

Ao nível individual, Arnett (2005) identificou cinco processos psicológicos característicos da adultez emergente: 1) exploração da identidade, nomeadamente nas vertentes amorosa e profissional; 2) instabilidade associada às mudanças características desta fase (e.g., saídas e retornos à casa da família de origem, mudanças subjacentes ao percurso académico e profissional); 3) sentimento de se estar num período de transição entre a adolescência e a idade adulta; 4) experimentação de múltiplas possibilidades em relação ao seu projeto individual; e, por último, 5) autocentração, ou seja, o foco nos seus projetos em relação ao futuro, sem sofrer pressões externas relativamente à sua tomada de decisões. Em termos familiares, a literatura salienta a ocorrência de mudanças na dinâmica relacional entre pais e filhos, indicando que esta relação tende a ser mais horizontal e bidirecional (Aquilino, 2006; Crocetti & Meeus, 2014; Prioste, Tavares, & Magalhães, 2019; Prioste, Tavares, Silva, & Magalhães, 2020). Por um lado, os pais tendem a ajustar-se às necessidades simultâneas de autonomia e dependência dos filhos; por outro, os filhos, por terem uma maior capacidade de se colocar no lugar do outro, desenvolvem uma perceção dos pais como pessoas com uma história, perspetivas e opiniões e não apenas como cumpridores do papel de pais (Aquilino, 2006). Para além disso, a literatura salienta que as mudanças provocadas pela instabilidade que caracteriza esta fase têm implicações na relação comunicacional estabelecida com os pais (Arnett, 2007; Crocetti & Meeus, 2014; Zambianchi & Bitti, 2014). Na adultez emergente, a autonomização dos filhos permite uma menor influência dos pais nos comportamentos, rotinas e decisões dos filhos, promovendo uma relação mais positiva e menos conflituosa entre pais e filhos (Aquilino, 2007), em comparação com outros períodos desenvolvimentais (e.g., adolescência) (Prioste et al., 2020).

Apesar da investigação acerca da relação entre a comunicação parento-filial e a PJI na adultez emergente ser escassa, os estudos existentes têm realçado o papel das práticas parentais e da qualidade das relações familiares. A maioria dos estudos existentes foi conduzida com amostras de adolescentes e sugeriu que os adolescentes que reportam níveis mais elevados de conflito familiar e níveis mais baixos de suporte emocional, tendem a apresentar níveis mais elevados de perturbação emocional e de uso da Internet como forma de fuga ao contexto familiar (Davis, 2001). Neste sentido, a literatura sugere que as relações e interações familiares e a comunicação entre pais e filhos são fatores que poderão estar associadas quer à adição à Internet (Tajalli & Zarnaghash, 2017), quer à PJI (Schneider et al., 2017; Li et al., 2018). Por exemplo, o estudo de Bonnaire e Phan (2017) comparou uma amostra de adolescentes com e sem PJI e mostrou que os adolescentes com PJI relatavam

níveis mais elevados de conflito familiar e os adolescentes sem PJI relatavam níveis mais elevados de coesão familiar. Os resultados do trabalho de Park e colaboradores (2008), realizado com uma amostra de 903 adolescentes, mostraram que a coesão familiar e a comunicação positiva com os pais se associam negativamente à adição à Internet e que a exposição a violência familiar (conjugal e violência entre pais e filhos) se encontra associada à adição à Internet. No mesmo sentido, o estudo de Wartberg e colaboradores (2014), que analisou o papel do funcionamento familiar (e.g., comunicação, expressão de afeto, envolvimento, controlo parental) no uso problemático da Internet, mostrou que a perceção negativa do funcionamento familiar está associada positivamente ao uso problemático da Internet.

Relação entre a vinculação e a perturbação de jogos de Internet: o papel da alexitimia e comunicação parento-filial

Alguns estudos têm sublinhado a associação positiva entre as perturbações da vinculação e as adições (e.g., Flores, 2004; Gill, 2014; Mikulincer & Shaver). Especificamente, a literatura tem indicado que as pessoas com estilos de vinculação inseguros tendem a ter níveis mais elevados de adições a substâncias (e.g., álcool e drogas) (Thorberg, & Lyvers, 2006; Tate, 2013) e adições comportamentais (e.g., sexo) (Faisandier, et al, 2011; Zapf et al., 2008; Bolat et al., 2018), em comparação com pessoas com um estilo de vinculação seguro.

Sabemos também que as emoções têm um papel central no comportamento individual e social adaptativo (Izard, 2001) e que as dificuldades na regulação emocional – características do funcionamento alexitímico e dos padrões de vinculação insegura – estão associadas a comportamentos aditivos (Bonnaire et al., 2017; Estévez, Jáuregui, Marcos, González, & Griffiths, 2017; Williams, Grisham, Erskine, & Cassedy, 2012; Schimmenti et al., 2014; Schore & Schore, 2007). Apesar de não terem sido identificados estudos que relacionem a alexitimia com a PJI, a evidência empírica tem mostrado associações positivas entre a alexitimia e a adição à Internet (e.g., Lyvers, Karantonis, Edwards, & Thorberg, 2016; Scimeca, et al., 2014) e o jogo patológico (Maniaci, et al., 2013; Toneatto, Lecce, & Bagby, 2009). De relevar também os trabalhos que sugerem uma associação entre os padrões de vinculação insegura e o funcionamento alexitímico (Bolat et al., 2017). Por outro lado, há que considerar os trabalhos que sugerem as associações entre os padrões de vinculação segura e a comunicação familiar (Kobielski, 2002; Ishak, Yunus & Iskandar, 2010) e entre a

comunicação familiar e o uso de Internet na adolescência (Kabasakal, 2015; Schneider, King, & Delfabbro, 2017; Wartberg et al., 2014).

No entanto, como não foram identificados estudos que incidam especificamente sobre a relação entre a PJI e a vinculação na adultez emergente e sobre os potenciais mecanismos explicativos desta relação (nomeadamente, o papel do funcionamento alexitímico e da comunicação parento-filial), este estudo pretende analisar esta relação. Tendo em conta os problemas de investigação identificados, formularam-se as seguintes questões de investigação: Como se relacionam a PJI, a vinculação, a alexitimia e a comunicação parento-filial?; e A alexitimia e a comunicação parento-filial são mecanismos explicativos da relação entre a vinculação e a PJI? Assim, o presente estudo, através de um desenho quantitativo transversal, tem como objetivos estudar (a) a relação entre a PJI, a vinculação, a alexitimia e a comunicação parento-filial e (b) o papel mediador da alexitimia e da comunicação parento-filial na relação entre a vinculação e a PJI.

Método

Participantes

Neste estudo participaram 259 adultos emergentes ($N = 259$), com idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos ($M = 23.12$, $DP = 3.34$), sendo que 32% ($n = 83$) são do género masculino e 67.6% ($n = 175$) do feminino. No que diz respeito à escolaridade, 36.7% ($n = 95$) tinha o ensino superior, 35.9% ($n = 93$) frequentava ou tinha frequentado a universidade e 25.9% ($n = 67$) tinha 10-12 anos de escolaridade. Relativamente à situação profissional, 45.2% ($n = 117$) era estudante, 42.5% ($n = 110$) era trabalhador, 4.6% ($n = 12$) era trabalhador-estudante e 3.9% ($n = 10$) estava desempregado. Quanto à zona de residência, 75.7% ($n = 196$) residia na zona da Grande Lisboa, 6.2% ($n = 16$) residia no Algarve, 4.6% ($n = 12$) residia na zona Norte, 3.1% ($n = 8$) residia no Alentejo, 1.9% ($n = 5$) residia numa zona rural e 7.7% ($n = 20$) residia noutras zonas do país. No que se refere à situação afetivo-relacional, 44.4% ($n = 115$) tinha uma relação de namoro, 39.4% ($n = 102$) não tinha relação de namoro, 13.5% ($n = 35$) vivia em união de fato e 2.3% ($n = 6$) estava casado. No que se refere à coabitação, 56.4% ($n = 146$) da amostra vivia com a família nuclear intacta, 10% ($n = 26$) coabitava em família monoparental, 3.1% ($n = 8$), vivia com a família reconstituída, 2.7% ($n = 7$), vivia com a família alargada, 3.5% ($n = 9$) coabitava com a familiar nuclear e alargada, 9.3% ($n = 24$) vivia com amigos, 9.3% ($n = 24$) vivia com a sua própria família e 3.5% ($n = 9$) vivia com a sua fratria.

Instrumentos

Questionário sociodemográfico. Os participantes responderam a um questionário sobre dados individuais, relacionais e familiares (e.g., género, idade, nível de escolaridade, situação relacional).

Toronto Alexithymia Scale (TAS-20; versão original: Taylor, Bagby, & Parker, 1992; tradução e adaptação portuguesa: Prazeres, Parker, & Taylor, 2000). A TAS-20 é um instrumento de auto-relato constituído por 20 itens que avaliam o funcionamento alexitímico, isto é, a dificuldade na identificação e descrição de sentimentos, a orientação do pensamento para o exterior e a indiferenciação entre emoções e sensações corporais. Os itens são respondidos numa escala de *Likert* de cinco pontos, em que 1 = *Discordo totalmente* e 5 = *Concordo totalmente*. A TAS-20 avalia três dimensões: 1) Dificuldade em identificar sentimentos, composta por sete itens que avaliam a dificuldade em reconhecer os sentimentos e em distingui-los das sensações corporais decorrentes da ativação emocional (e.g., “Tenho sentimentos que não consigo identificar bem”); 2) Dificuldade em descrever os sentimentos aos outros, constituída por cinco itens que medem a dificuldade na expressão dos sentimentos (e.g., “Tenho dificuldade em encontrar as palavras certas para descrever os meus sentimentos”); e 3) Estilo de pensamento orientado para o exterior, que engloba oito itens que avaliam o estilo cognitivo, com orientação externa (e.g., Prefiro conversar com as pessoas sobre as suas atividades diárias do que sobre os seus sentimentos”). Pontuações mais elevadas em cada dimensão correspondem a níveis mais elevados de Dificuldade em identificar e descrever sentimentos e Estilo de pensamento orientado para o exterior.

No estudo de validação da TAS-20 (Prazeres et al., 2000), com uma amostra de 133 indivíduos com idades compreendidas entre os 18 e os 64, quer a escala total ($\alpha = .79$), quer as dimensões apresentaram níveis de consistência interna adequados (variando entre $\alpha = 0.83$ para a dimensão Dificuldade em identificar sentimentos e $\alpha = 0.60$ para a dimensão Estilo de pensamento orientado para o exterior). A dimensão Dificuldade em identificar sentimentos apresentou um nível aceitável de consistência interna ($\alpha = .87$) (DeVellis, 1991). A dimensão Dificuldade em descrever os sentimentos apresentou um alfa de *Cronbach* ($\alpha = .45$) inaceitável; contudo, após a exclusão do item 4 (“Sou capaz de descrever facilmente os meus sentimentos”), passou a apresentar um nível de consistência interna adequado ($\alpha = .77$). Por último, como a dimensão Estilo de pensamento orientado para o exterior revelou um valor inaceitável de consistência interna ($\alpha = .30$), optou-se pela sua exclusão na análise de dados.

Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade – Adultos Emergentes (COMPA-EA; versão original: A. Portugal, M. J. Beja, & F. Camacho, in press). Esta escala é um instrumento de auto-relato com 17 itens e avalia a percepção que os filhos têm acerca da comunicação que estabelecem com cada progenitor, sendo questionados, separadamente, em relação à mãe e ao pai. Os participantes respondem a cada item numa escala tipo *Likert* de cinco pontos, em que 1 = *Nunca* e 5 = *Sempre*. A COMPA mede quatro dimensões em relação a cada progenitor: 1) Confiança /partilha parental, que integra quatro itens que avaliam a percepção que os filhos têm acerca da confiança que os pais têm na partilha de problemas pessoais e questões íntimas com eles (e.g., “O meu pai/A minha mãe conta-me histórias de quando tinha a minha idade e de como foi a sua educação”); 2) Confiança /partilha filial que integra cinco itens que medem a confiança dos filhos na partilha dos seus problemas pessoais e questões íntimas com os pais (e.g., “Converso com o meu pai/a minha mãe sobre os meus problemas”); 3) Expressão afetiva/suporte emocional que integra quatro itens que medem a expressão do afeto dos filhos em relação aos pais e a percepção dos filhos acerca da disponibilidade do pai/mãe para discutir problemas, preocupações e sentimentos (e.g., “Gosto de dar beijos e abraçar o meu pai/a minha mãe”); e 4) Comunicação parental negativa, que integra três itens e avalia os aspetos negativos da comunicação, como por exemplo, a hesitação na partilha, estilos negativos de interação e a seleção daquilo que é partilhado (e.g., “Eu e o meu pai/ minha mãe, ficamos chateados um com o outro”). Pontuações mais elevadas em cada dimensão correspondem a níveis mais elevados de Confiança/partilha parental e filial, Expressão afetiva/suporte emocional e Comunicação parental negativa.

No estudo de validação da escala para a população portuguesa (Portugal, Beja, & Camacho, in press), com uma amostra composta por 217 adultos emergentes com idades compreendidas entre 18 e 25 anos, a escala total apresentou um nível de consistência interna adequados na escala total para a versão do pai ($\alpha = .93$) e da mãe ($\alpha = .92$). Em relação à versão do pai, o nível de consistência interna das dimensões variou entre $\alpha = .90$ para a dimensão Confiança /partilha filial e $\alpha = .55$ para a dimensão Comunicação parental negativa, na escala relativa à mãe, variou entre $\alpha = .89$ na dimensão Confiança/partilha filial e $\alpha = .44$ na dimensão Comunicação parental negativa. No presente estudo, a dimensão Confiança/partilha parental apresentou um valor de alfa de *Cronbach* aceitável de .81 para a mãe e .80 para o pai; a dimensão Confiança/partilha filial apresentou um valor de alfa de *Cronbach* aceitável de .93 para a mãe e .93 para o pai; a dimensão Expressão afetiva/suporte emocional apresentou um valor de alfa de *Cronbach* aceitável de .80 para a mãe e .89 para o

pai; e a dimensão Comunicação parental negativa apresentou um valor de alfa de *Cronbach* inaceitável de .53 para a mãe e .62 para o pai. Deste modo, optou-se pela exclusão da dimensão Comunicação parental negativa (pai e mãe) nas análises subsequentes.

Escala de Vinculação do Adulto (Adult Attachment Scale-R, EVA; versão original: Collins & Read, 1990; tradução e adaptação para a população portuguesa: M. C. Canavarro, 1997). Este instrumento de auto-relato é composto por 18 itens que avaliam o perfil de vinculação no adulto. Os itens são respondidos através de uma escala tipo *Likert* de cinco pontos, de 1 = *Nada característico em mim* a 5 = *Extremamente característico em mim*. A EVA avalia três dimensões: Ansiedade, que integra seis itens que avaliam o grau de ansiedade sentido em relação a questões interpessoais como o medo do abandono ou de não ser gostado/amado (e.g., “Preocupo-me frequentemente com a possibilidade dos meus parceiros me deixarem”); Conforto com a proximidade, que integra seis itens que avaliam o grau de conforto com a proximidade e intimidade (e.g., “Estabeleço com facilidade, relações com pessoas”); e Confiança nos outros, que integra seis itens que medem o grau de confiança e a percepção de disponibilidade dos outros (e.g., “Não tenha a certeza de poder contar com as pessoas quando precisar delas”). Pontuações mais elevadas nas dimensões representam níveis mais elevados de Ansiedade, Conforto com a proximidade e Confiança nos outros.

No estudo de Canavarro, Dias e Lima (2006), com uma amostra composta por 434 participantes, a EVA apresentou níveis de consistência interna adequados para a escala total ($\alpha = 0.81$) e para dimensão Ansiedade ($\alpha = .84$). Apesar de as dimensões Conforto com a Proximidade ($\alpha = .67$) e Confiança nos Outros ($\alpha = .54$) terem revelado níveis de consistência inferiores ao desejável (DeVellis, 1991), a sua permanência no instrumento foi justificada atendendo à sua relevância na identificação de estilos de vinculação (Canavarro et al., 2006).

No presente estudo, a dimensão Ansiedade apresentou um valor adequado de consistência interna ($\alpha = .89$). A dimensão Confiança nos outros inicialmente apresentava um nível inaceitável de alfa de *Cronbach* ($\alpha = .65$) (DeVellis, 1991); após a exclusão do item 5 (“Sinto-me bem dependendo dos outros”), passou a apresentar um nível de consistência interna adequado ($\alpha = .72$). A dimensão Conforto com a proximidade revelou inicialmente um valor inaceitável de alfa de *Cronbach* ($\alpha = .45$); após a exclusão do item 1 (“Estabeleço, com facilidade, relações com as pessoas”), apresentou um nível de consistência interna mais elevado, ainda que considerado indesejável ($\alpha = .61$). Deste modo, optou-se por excluir esta dimensão das análises subsequentes.

Internet Gaming Disorder Scale - Short Form (IGDS9-SF; versão original: Pontes, H. M., & Griffiths, M., 2016; tradução e validação para a população portuguesa: Pontes, & Griffiths,). Esta escala de auto-relato engloba nove itens e tem uma estrutura unidimensional. Os itens da escala correspondem ao critérios propostos pela DSM-5 para o diagnóstico (APA, 2013) permitem avaliar o nível de severidade da perturbação e o seu impacto na vida do indivíduo durante os últimos 12 meses. Os participantes responderam à IGD9-SF numa escala de *Likert* com cinco pontos, em que 1 = *Nunca* e 5 = *Quase sempre*. Pontuações mais elevadas na escala representam níveis mais elevados de perturbação.

No estudo de validação da escala para a população portuguesa desenvolvido por Pontes & Griffiths (2016), com uma amostra de 509 participantes, com idades compreendidas entre 10 e 18 anos, o nível de consistência interna da escala total revelou-se adequado ($\alpha = .87$). No presente estudo, o IGS apresentou um nível de consistência interna adequado de .86.

Procedimento de recolha de dados

A recolha dos dados decorreu após a aprovação do projeto pela Comissão de Ética e Deontologia para a Investigação Científica (CEDIC) da Escola de Psicologia e Ciências da Vida da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (EPCV-ULHT). Como critérios de inclusão na amostra deste estudo foram determinados: a) ter nacionalidade portuguesa; b) domínio da língua portuguesa falada e escrita; e c) ter idade compreendida entre os 18 e os 30 anos.

A recolha da amostra foi feita através de um processo não probabilístico designado “bola de neve” (Pais-Ribeiro, 2007), em que os participantes colaboraram voluntariamente, sem qualquer recompensa e após a explicação acerca dos objetivos do estudo e a assinatura do consentimento informado. A recolha foi feita através de dois meios: presencialmente através de contatos pessoais das investigadoras (e.g., rede social, amigos, conhecidos, família) e de pedido de colaboração no contexto de sala de aula, aos alunos da EPCV-ULHT e *online* através de divulgação e recolha numa plataforma digital. Foram esclarecidas eventuais dúvidas relacionadas com as questões do protocolo e /ou vocabulário.

Procedimento de análise de dados

Para explorar o primeiro objetivo, procedeu-se à análise da estatística descritiva das variáveis quantitativas contínuas (PJI, Ansiedade, Confiança nos outros, Confiança/partilha

parental e filial Pai e Mãe, Expressão afetiva/suporte emocional Pai e Mãe, Dificuldade na identificação de sentimentos e Dificuldade na descrição de sentimentos) e análise das correlações, através do teste de correlação de *Pearson* (Marôco, 2007). Estas análises foram realizadas com recurso ao software *Statistical Package for the Social Science* (SPSS), versão 22.

Os modelos conceptuais propostos foram testados através de *path analysis*, com recurso ao *software* AMOS 22 (Arbuckle, 2012). O modelo proposto representado na Figura 1 testou o papel das dimensões da alexitimia e da comunicação filio-maternal como variáveis mediadoras da relação entre a vinculação e a PJI; o modelo proposto representado na Figura 2 testou o papel das dimensões da alexitimia e da comunicação filio-paternal como variáveis mediadoras da relação entre a vinculação e a PJI (segundo objetivo). A significância dos efeitos indiretos nos modelos de mediação foi testada com base numa abordagem de reamostragem - *95% confidence intervals generated with bias corrected bootstrapping*, 5000 reamostragens (Shrout & Bolger, 2002). Foram considerados os seguintes índices de ajustamento do modelo: a Comparative Fit Index (CFI) igual ou superior a .95, a Goodness of Fit Index (GFI) igual ou superior a .90, and a Root mean square error of approximation (RMSEA) menor que .08 (Hu & Bentler, 1999; Schermelleh-Engel, Moosbrugger, & Muller, 2003). Nos resultados, serão apresentados os coeficientes estandardizados estatisticamente significativos.

Foi estabelecido um nível de significância de 5% ($p < .05$) para todos os procedimentos estatísticos.

Resultados

Estatística descritiva e análise das correlações

No Quadro 1 apresentam-se os resultados referentes à estatística descritiva das variáveis em estudo e a análise das suas correlações. Tal como se pode observar, a PJI apresentou associações significativas e positivas com a Dificuldade na descrição de sentimentos e a Dificuldade de identificação de sentimentos, sendo que ambas as associações são fracas. Para além destas associações, a PJI encontra-se negativa e significativamente associada à Confiança nos outros, Confiança parental na partilha com o filho (quer da mãe, quer do pai), com a Confiança filial na partilha com a mãe e com o pai e com a Expressão de afeto com ambos os pais (associações fracas).

Observou-se que a Ansiedade se associa significativa e positivamente com Dificuldade na descrição de sentimentos e a Dificuldade na identificação de sentimentos (associações moderada e forte, respetivamente); e negativamente com a Confiança nos outros (associação forte) e com a Expressão de afeto do Pai (associação fraca). A Confiança nos outros apresentou associações significativas e positivas com a Confiança parental de ambos os pais na partilha com o filho, com a Confiança filial na partilha com ambos os pais e com a Expressão de afeto com ambos os pais (associações fracas); e negativas com a Dificuldade na identificação e descrição de sentimentos (associações moderadas).

Verificou-se que a Confiança parental do pai na partilha com o filho se associa significativa e positivamente com a Confiança parental da mãe na partilha com o filho, com a Confiança filial na partilha com a mãe, com a Expressão de afeto com a mãe (associações fracas) e com Confiança filial na partilha com o pai e com a Expressão de afeto com o pai (associações fortes); e negativamente com Dificuldade na identificação e descrição de sentimentos (associações fracas). Observou-se uma associação significativa positiva da Confiança parental da mãe na partilha com o filho com a Confiança filial na partilha com o pai, com a Expressão do afeto com o pai (associações fracas) com a Confiança filial na partilha com a mãe e com a Expressão de afeto com a mãe (associações fortes). A Confiança filial na partilha com o pai associou-se significativa e positivamente associada à Confiança filial na partilha com a mãe, à Expressão do afeto com a mãe (associações fracas) e com a Expressão de afeto com o pai (associação forte); e negativamente com a Dificuldade na identificação de sentimentos e Dificuldade na descrição de sentimentos (associações fracas).

Verificou-se que a Confiança filial na partilha com a mãe se associa significativa e positivamente com a Expressão do afeto com o pai (associação fraca) e com a Expressão de afeto com a mãe (associação forte) e negativamente com a Dificuldade na descrição de sentimentos (associações fracas). Verificou-se uma associação significativa positiva da Expressão de afeto com o pai com a Expressão de afeto com a mãe e negativa com Dificuldade na identificação de sentimentos e Dificuldade na descrição de sentimentos (todas elas associações fracas). Observou-se uma associação negativa da Expressão de afeto com a mãe com a Dificuldade na identificação de sentimentos e Dificuldade na descrição de sentimentos (associações fracas). E, por último, verificou-se uma associação significativa e positiva da Dificuldade na identificação de sentimentos com a Dificuldade na descrição de sentimentos (associação forte).

Quadro 1.

Estatística Descritiva e Análise das Correlações entre PJI e as Dimensões da EVA, da TAS-20 e da COMPA-EA (N= 259)

Variáveis	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1. PJI	-										
2. Ansiedade	.06	-									
3. Confiança nos outros	-.15*	-.51**	-								
4. Confiança/partilha parental_Pai	-.17**	-.08	.18**	-							
5. Confiança/partilha parental_Mãe	-.19**	-.07	.15**	.30**	-						
6. Confiança/partilha filial_Pai	-.17**	-.05	.18**	.84**	.24**	-					
7. Confiança/partilha filial_Mãe	-.26**	-.04	.21**	.24**	.75**	.27**	-				
8. Expressão afetiva/suporte emocional_Pai	-.20**	-.16*	.20**	.80**	.20**	.79**	.19**	-			
9. Expressão afetiva/suporte emocional_Mãe	-.21**	-.04	.21**	.17**	.70**	.14*	.67**	.26**	-		
10. Dificuldade na identificação de sentimentos	.18**	.64**	-.39**	-.21**	-.09	-.19**	-.12	-.13*	-.16*	-	
11. Dificuldade na descrição de sentimentos	.17**	.48**	-.47**	-.21**	-.11	-.25**	-.24**	-.21**	-.17**	.58**	-
<i>M</i>	1.27	2.66	3.43	3.37	3.96	2.68	3.68	3.45	4.17	2.48	2.75
<i>DP</i>	.46	.95	.77	1.11	.77	1.05	.99	1.22	.81	1.00	1.02

Nota. * $p < .05$; ** $p < .01$

Papel mediador das dimensões da alexitimia e da comunicação parento-filial na relação entre a vinculação e a PJI

Nas Figura 1 e 2 os resultados estatisticamente significativos estão apresentados com linhas contínuas; os estatisticamente não significativos estão representados com linhas descontínuas.

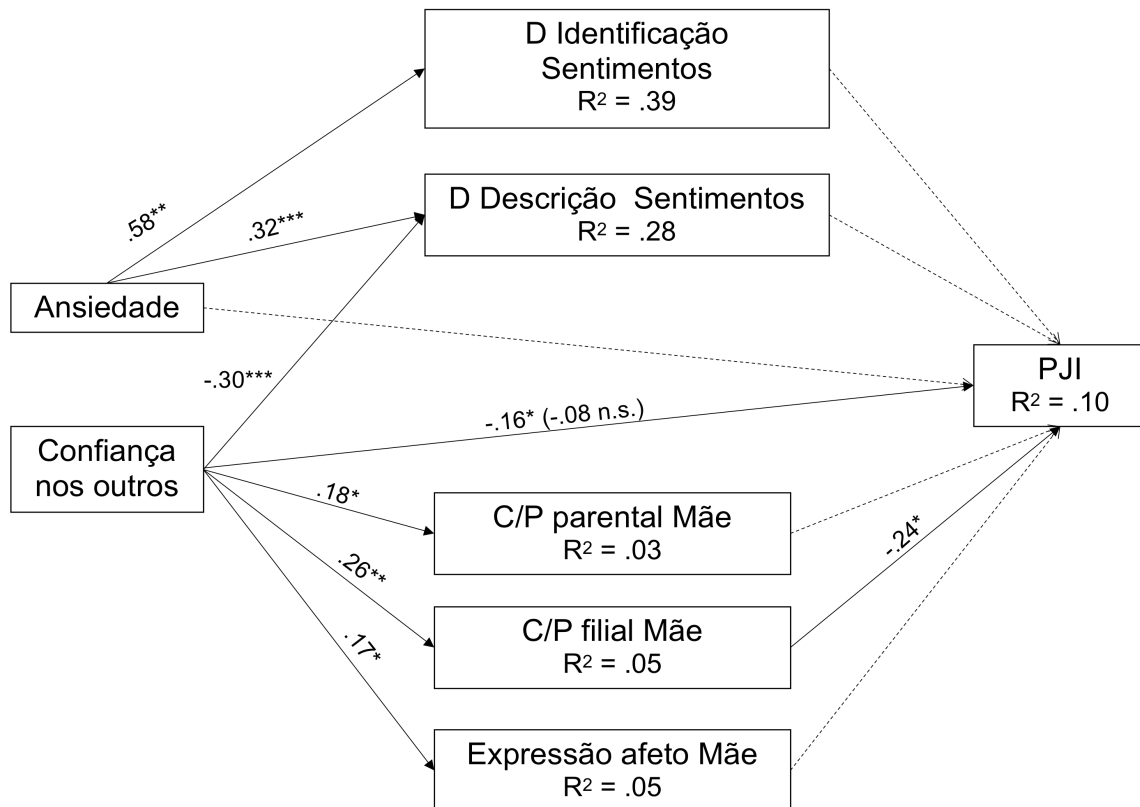


Figura 1. Representação gráfica do papel mediador das dimensões do alexitimia e da comunicação materno-filial na relação entre a vinculação e a PJI.

Nota: D Identificação Sentimentos = Dificuldade de identificação dos sentimentos; D Descrição Sentimentos = Dificuldade de descrição dos sentimentos; C/P parental Mãe = Confiança/Partilha parental com a mãe; C/P filial Mãe = Confiança/partilha filial com a mãe.

Em relação ao modelo 1, o ajustamento do modelo revelou índices de ajustamento adequados ($\chi^2/df = 2.50$, $p < .05$; GFI = .99; CFI = .99; RMSEA = .076; CI90% [.028; .126]). Foi encontrado um efeito de mediação na relação entre a Confiança nos outros e a PJI através do papel da Confiança/Partilha filial ($\beta = -.08$, $SE = .033$, $p = .006$). Especificamente, níveis mais elevados de Confiança nos outros estão associados a níveis mais elevados de Confiança/partilha com a mãe, e, consequentemente, níveis mais elevados de

Confiança/partilha com a mãe estão associados a níveis mais baixos de PJI. Foram também observados os seguintes efeitos diretos: Ansiedade – Dificuldade de identificação dos sentimentos ($\beta = .58$); Ansiedade – Dificuldade de descrição dos sentimentos ($\beta = .32$); Confiança nos outros – Dificuldade de descrição dos sentimentos ($\beta = -.30$); Confiança nos outros – Confiança/Partilha parental com a mãe ($\beta = .18$); Confiança nos outros – Confiança/Partilha filial com a mãe ($\beta = .26$); e Confiança nos outros – Expressão de afeto a mãe ($\beta = .17$).

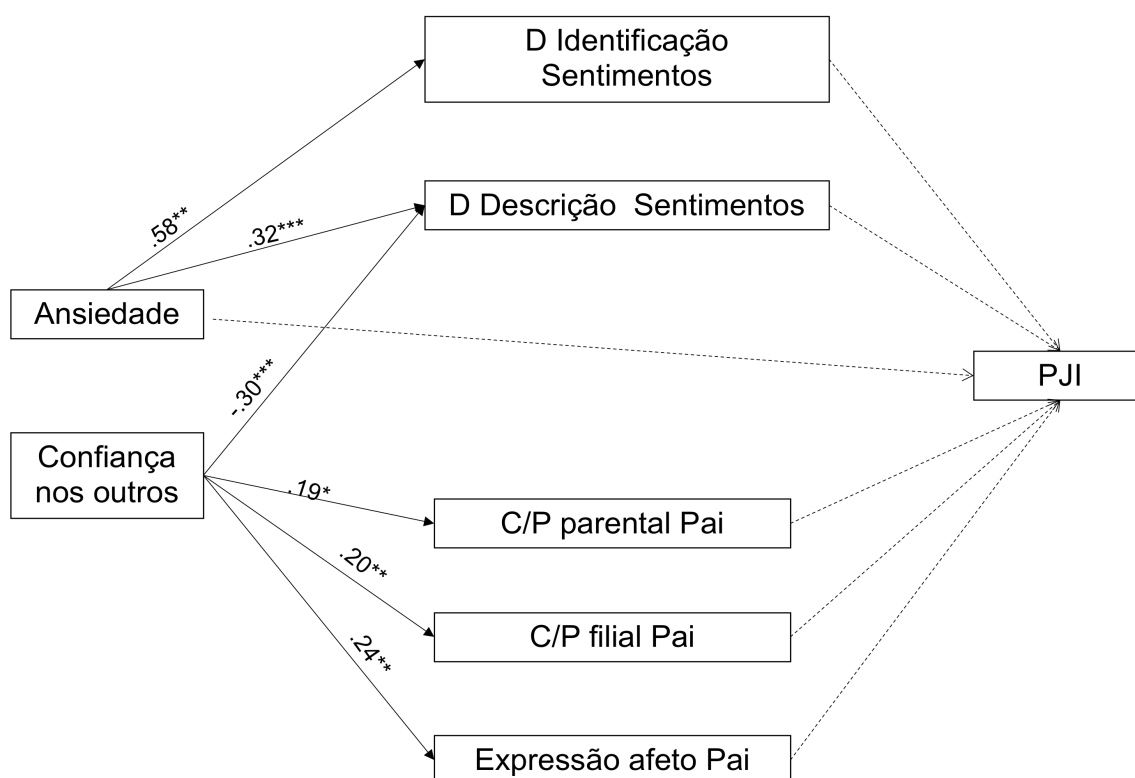


Figura 2. Representação gráfica do papel mediador das dimensões da alexitimia e da comunicação paterno-filial na relação entre a vinculação e a PJI.

Nota: D Identificação Sentimentos = Dificuldade de identificação dos sentimentos; D Descrição Sentimentos = Dificuldade de descrição dos sentimentos; C/P parental Pai = Confiança/Partilha parental com o pai; C/P filial Pai = Confiança/partilha filial com o pai.

Em relação ao modelo 2, o ajustamento do modelo revelou índices de ajustamento, genericamente adequados ($\chi^2/df = 3.18$, $p < .01$; GFI = .98; CFI = .99), com exceção do RMSEA = .092; CI90% [.048; .140]), ligeiramente acima do valor de referência. Não foram encontrados efeitos de mediação, tendo apenas sido observados os seguintes efeitos diretos:

Ansiedade – Dificuldade de identificação dos sentimentos ($\beta = .58$); Ansiedade – Dificuldade de descrição dos sentimentos ($\beta = .32$); Confiança nos outros – Dificuldade de descrição dos sentimentos ($\beta = -.30$); Confiança nos outros – Confiança/Partilha parental com o pai ($\beta = .19$); Confiança nos outros – Confiança/Partilha filial com o pai ($\beta = .20$); e Confiança nos outros – Expressão de afeto em relação ao pai ($\beta = .24$).

Discussão

Com uma amostra de adultos emergentes, com idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos, o presente estudo teve como objetivos: (a) analisar a relação entre a PJI, a vinculação, a comunicação parento-filial e a alexitimia; e (b) explorar o papel mediador da comunicação parento-filial e da alexitimia na relação entre a vinculação e a PJI. Desta forma, pretendeu-se contribuir para o enriquecimento do conhecimento científico na área da PJI na adultez emergente, colmatando a escassez de estudos que investiguem as relações entre as variáveis em estudo nesta etapa desenvolvimental e identificando potenciais fatores de risco e protetores (individuais, relacionais e familiares) associados à PJI.

Relação entre a PJI, as dimensões da vinculação, a comunicação parento-filial e a alexitimia

Os resultados obtidos sugerem uma associação negativa entre a PJI e Confiança nos outros, o que é consistente com os resultados de outros estudos (e.g., Bolat et al., 2018; Monacis et al., 2017; Suárez et al., 2013) que referem o estilo de vinculação segura como um fator protetor do uso problemático da Internet. Realça-se, contudo, o facto de que os resultados obtidos não vão ao encontro da literatura que sugere que a PJI se associa a um estilo de vinculação ansiosa (i.e., pessoas que apresentam níveis elevados de Ansiedade relacionada com questões interpessoais de receio de abandono ou de não se sentirem aceites) (Collins & Read, 1990). A associação positiva observada entre as dimensões da alexitimia e a PJI é também consistente com a evidência empírica que mostra que os jogadores patológicos apresentam níveis elevados de funcionamento alexitímico (Lummy & Robby, 1995) e com os resultados de outros trabalhos que sugerem que a alexitimia é um fator de risco para o uso problemático da Internet (e.g., Bolat et al., 2017; Dulback et al., 2013; Scimeca et al., 2014).

Os resultados mostram que a confiança na partilha entre pais e filhos e a expressão de afeto filial se associam negativamente à PJI, o que nos remete para o papel protetor da comunicação parento-filial em relação aos jogos de Internet. Estes resultados poderão ir no

mesmo sentido dos estudos prévios que mostram que níveis elevados de conflito e de crítica familiar e níveis baixos de coesão, afeto e comunicação eficaz se associam ao abuso das tecnologias (Zhang et al., 2015). Para além disso, as correlações encontradas entre as dimensões da comunicação parento-filial, a vinculação e a PJI sugerem que a adição ao jogo parece funcionar como forma de escape ou substituição de interações relacionais familiares que não satisfazem as necessidades de suporte emocional e afetivo dos indivíduos, nomeadamente em etapas desenvolvimentais críticas como a adultez emergente (Arnett, 2007; Crocetti & Meeus, 2014; Zambianchi & Bitti, 2014).

As associações encontradas entre as dimensões da vinculação e as da alexitimia sugerem que as pessoas que sentem confiança nos outros e níveis baixos de ansiedade tendem a apresentar níveis mais elevados de competências de identificação e descrição dos sentimentos. Este resultado pode ser lido através da proposta de Meins e colaboradores (2008) que consideram que os distúrbios cognitivos e afetivos associados à alexitimia estão relacionados com o estilo de vinculação do indivíduo. Este resultado reforça também a importância das relações interpessoais de proximidade e intimidade como fonte na identificação e descrição de sentimentos próprios. Neste sentido, tal como é referido na literatura, as relações interpessoais podem funcionar como contextos facilitadores no desenvolvimento de competências de regulação emocional (Ainsworth, 1989; Canavarro, Dias, & Lima, 2006; Cassidy & Shaver, 2016), considerando o papel das relações de vinculação no desenvolvimento das estruturas neuronais responsáveis pela regulação afetiva (Shore & Shore, 2007), nomeadamente pela identificação e descrição de sentimentos (Montebarocci et al., 2004; Picardi et al., 2005).

Os resultados mostram também uma associação positiva entre a Confiança nos outros e as dimensões da comunicação parento-filial, o que sublinha a relação entre uma vinculação segura e a partilha de experiências entre pais e filhos, através de uma comunicação aberta e da compreensão e expressão dos estados emocionais, ao longo do ciclo vital, promovendo o entendimento e confiança mútuos (Ainsworth, 1978).

Papel mediador da alexitimia e da comunicação parento-filial na relação entre a vinculação e a PJI

Apesar de na adultez emergente existir um progressivo movimento de autonomização dos filhos em relação à família de origem (Arnett, 2005), o prolongamento da estadia em casa dos pais e as contingências socioeconómicas associadas (e.g., extensão do percurso

académico, início tardio da vida profissional, rendimentos baixos) têm influenciado o envolvimento parental na vida dos filhos. Assim, a família assume um papel de relevo no suporte financeiro e emocional dos filhos (Croucetti & Meus, 2014).

O presente estudo explorou o papel da comunicação parento-filial e da alexitimia na relação entre a vinculação e PJI. O modelo testado evidenciou uma associação negativa entre a confiança nos outros e a PJI, através da confiança/partilha filial com a mãe, não tendo sido encontrada a mesma associação no que se refere ao pai. Os resultados obtidos sugerem que a associação negativa entre a vinculação segura e a PJI seja mediada pela comunicação que os filhos estabelecem com as mães, especificamente pela confiança na partilha de experiências. Assim, a confiança na partilha com a mãe parece ter na um papel protetor em relação à adição comportamental aos jogos *online*. Estes resultados poderão ser explicados pelo fato de a qualidade da vinculação se associar à compreensão e expressão de estados emocionais que promovem a partilha e a comunicação entre pais e filhos (Veríssimo et al., 2003), o que enfatiza a relevância dos vínculos afetivos e do contexto familiar no ajustamento emocional dos indivíduos.

A importância que a comunicação com a mãe (em comparação com o pai) evidenciada pelos resultados é consistente com estudos prévios que sugerem que existe uma diferença forma como os pais comunicam com os filhos, independentemente do género destes (Pick & Pallos, 1995). Assim, as funções e papéis tradicionais associados à mãe (enquanto cuidadora) e ao pai (enquanto provedor do sustento familiar) podem colocá-la numa posição privilegiada para conversar e atender às necessidades dos filhos (Wagner, Halpern, & Bornholdt, 1999).

Os resultados demonstraram também associações entre as dimensões da vinculação e a alexitimia. Contudo, não foi encontrado nenhum efeito direto entre a alexitimia e a PJI, pelo que não foram corroborados os resultados de outros estudos que relacionam a alexitimia com as adições comportamentais (e.g., jogo patológico, uso problemático da Internet) (Bonnaire et al., 2017; Kandri, Bonotis, Floros, & Zafiropoulou, 2014; Lumley & Roby, 1995).

Implicações para a literatura e para a prática

Este trabalho, ao mostrar a relação entre a PJI, a vinculação, alexitimia e a comunicação parento-filial poderá ter implicações para a área da Psicologia do Desenvolvimento e Psicologia da Família e para o desenvolvimento de linhas de intervenção individuais e familiares. Dado que os resultados enfatizam o papel da positividade da comunicação parento-filial e da vinculação, as linhas de intervenção deverão atentar na

dinâmica e qualidade do funcionamento familiar, nomeadamente no que concerte às relações comunicacionais entre pais e filhos e ao funcionamento relacional da pessoa com PJI. Neste sentido, poderá ser importante que as intervenções nas famílias com um adulto emergente com PJI se centrem nos processos comunicacionais de forma a potenciar uma comunicação eficaz e promotora de proximidade e intimidade, facilitando a expressão afetiva e a confiança na partilha.

Ao mostrarem uma associação entre a PJI e a alexitimia os resultados enfatizam a importância de compreender os fatores de risco individuais associados ao desenvolvimento das adições, nomeadamente no que se refere à regulação emocional e afetiva. Para além disso, os resultados também realçam a importância das relações precoces no desenvolvimento da regulação afetiva na idade adulta emergente, ao mostrarem que uma associação negativa entre a alexitimia e a confiança nos outros.

Os resultados deste trabalho apontam ainda para a confiança na partilha entre pais e filhos e a expressão do afeto dos filhos em relação aos pais possam funcionar como fatores protetores da PJI, o que realça a importância da dinâmica familiar na idade adulta emergente.

Limitações e estudos futuros

Não obstante o contributo científico deste estudo para as áreas referidas, importa identificar limitações. Uma vez que foi utilizada uma amostra de conveniência, recolhida através de uma técnica não probabilística, não é possível generalizar os resultados obtidos à população portuguesa. Consideram-se também o enviesamento associado à desiderabilidade social decorrente do facto de os instrumentos utilizados serem de autorrelato. Em relação à amostra, importa considerar que a sua distribuição por género não é igualitária, sendo maioritariamente do género feminino. Ora, de acordo com a literatura, a PJI tem uma prevalência superior no género masculino, pelo que os resultados poderiam ser distintos caso não houvesse esta discrepância de género da amostra.

Em estudos futuros, de modo a colmatar as lacunas identificadas, seria importante incluir uma amostra clínica de adultos emergentes que estejam a ser acompanhados em serviços especializados em PJI e comparar os resultados entre a amostra clínica e a comunitária no sentido de compreender melhor as variáveis biopsicossociais que podem influenciar o desenvolvimento, a manutenção ou o agravamento da PJI. Considerando que na idade adulta emergente há uma maior flexibilidade dos pais às necessidades de autonomia e independência dos filhos e as dinâmicas relacionais passam a ser mais horizontais e

Rute Pereira, Vinculação e perturbação de jogos de Internet em adultos emergentes: Que *links* com a alexitimia e a comunicação parento-filial?

bidirecionais (Aquilino, 2006), poderá ser importante aprofundar o contributo de outras variáveis familiares (e.g., hierarquia, coesão) nas PJI.

Referências

- American Psychiatric Association (2014). *Manual de diagnóstico e estatística das perturbações mentais (5ª ed.)*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Aquilino, W. S. (2006). Family relationships and support systems in emerging adulthood. In J. J. Arnett & J. L. Tanner (Eds.), *Coming of age in the 21st century: The lives and contexts of emerging adults* (pp.193-217). Washington, D.C.: American Psychological Association Press.
- Arbuckle, J. (2012). *Amos 21.0 user's guide*. Chicago: SPSS- IBM.
- Arnett, J. J. (2006). Emerging adulthood: Understanding the new way of coming of age. In J. J. Arnett & J. L. Tanner (Eds.), *Emerging adults in America: Coming of age in the 21st century* (pp. 3-19). Washington, DC, US: American Psychological Association. <http://dx.doi.org/10.1037/11381-001>
- Arnett, J. (2007). Emerging adulthood: What is it, and what is it good for? *Child Development Perspectives*, 1(2), 68-73. doi:10.1111/j.1750-8606.2007.00016.x
- Barnes, H., & Olson, D. (1985). Parent-adolescent communication and the circumplex model. *Child Development*, 56, 438-447.
- Bartholomew, K. (1990). Avoidance of intimacy: An attachment perspective. *Journal of Social and Personal Relationships*, 7, 147-178.
- Bartholomew, K., & Horowitz, L. (1991). Attachment styles among young adults: A test of a four category model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 61(2), 226-244.
- Bartholomew, K., & Shaver, P. R. (1998). Methods of assessing adult attachment: Do they converge? In J. A. Simpson & W. S. Rholes (Eds.), *Attachment theory and close relationships* (pp. 25-45). New York: Guildford Press.
- Bausseron, E., Luminet, O., & Groote, J. (2014). Alexitimia e regulação das emoções. In M. Mikolajczak & M. Desseilles (Eds.), *Tratado de regulação das emoções* (1st ed., pp. 313-326). Lisboa: Edições Piaget.
- Berman, W. H., & Sperling, M. B. (1994). The structure and function of adult attachment. In M. B. Sperling & W. H. Berman (Eds.), *Attachment in adults – clinical and developmental perspectives* (pp. 3-28). New York: Guildford Press.
- Bonnaire, C., Barrault, S., Aïte, A., Cassotti, M., Moutier, S. & Varescon, I. (2017). Relationship between pathological gambling, alexithymia and gambling type. *The American Journal on Addictions*, 26(2), 152-160. doi:10.1111/ajad.12506

- Bonnaire, C. & Phan O., (2017). Relationship between parental attitudes, family functioning and Internet gaming disorder in adolescents attending school. *Psychiatry Research*, 255, 104-110. doi:10.1016/j.psychres.2017.05.030.
- Bronfenbrenner, U. (1986). Ecology of the family as a context for human development: Research perspectives. *Developmental Psychology*, 22(6), 723-742. doi:10.1037/0012-1649.22.6.723
- Bumpus, M. F., & Hill, L. G. (2008). Secrecy and parent-child communication during middle childhood: Associations with parental knowledge and child adjustment. *Parenting: Science and Practice*, 8, 93-116.
- Canavarro, M., Dias, P., & Lima, V. (2006). A Avaliação da Vinculação do Adulto: Uma revisão crítica a propósito da aplicação da Adult Attachment Scale- R (AAS- R) na população portuguesa. *Psicologia*. 20(1), 155-186.
- Carr, A. (2006). *Family therapy: Concepts, process and practice* (2nd ed.). Chichester, England: John Wiley & Sons.
- Collins, N., & Read, S. (1990). Adult attachment relationships, working models and relationship quality in dating couples. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58, 644-683.
- Choo H., Sim, T., Liau A., Gentile, D., & Khoo, A. (2015). Parental influences on pathological symptoms of video-gaming among children and adolescents: As prospective study. *Journal of Child and Family Studies*, 24, 1429-1441.
- Crocetti, E., & Meeus, W. (2014). “Family comes first!”: Relationships with family and friends in Italian emerging adults. *Journal of Adolescence*, 37(8), 1463-1473.
- Crockett, L., Brown, J., Russel, S., & Shen, Y. (2007). The meaning of good parent-child relationships for Mexican American adolescents. *Journal of Research on Adolescence*, 17(4), 639-668.
- Cummings, E. M., & Cummings, J. S. (2002). Parenting and Attachment. In M. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting: Practical issues in parenting* (2nd ed., pp. 35-58). London: Lawrence Erlbaum.
- Dalbudak E., Evren, C., Aldemir, S., Coskun K., Ugurlu, H., Yildirim F. (2013). Relationship of Internet Addiction Severity with Depression, Anxiety, and Alexithymia, Temperament and Character in University Students. *Cyberpsychology, behavior and social networking*, 6(4), 272-278. doi: 10.1089/cyber.2012.0390.

- Davis, R. (2001). A cognitive-behavioral model of pathological Internet use. *Computers in Human Behavior*, 17, 187-195.
- DeVellis, R. F. (1991). *Applied social research methods series, Vol. 26. Scale development: Theory and applications*. Thousand Oaks, CA, US: Sage Publications, Inc.
- Estévez, A., Jáuregui, P., Marcos-S. I., González-L. H., & Griffiths, M. (2017). Attachment and emotion regulation in substance addictions and behavioral addictions. *Journal of Behavioral Addictions* 6(4), 534-544. doi:10.1556/2006.6.2017.086
- Fam, J. Y. (2018) Prevalence of Internet gaming disorder in adolescents: A meta-analysis across three decades. *Scandinavian Journal of Psychology*, 59(5) 524-531. doi:10.1111/sjop.12459.
- Faisandier K., Taylor J., Salisbury R. (2011). What does attachment have to do with out-of-control sexual behaviour? *New Zealand Journal of Psychology*, 40, 3, 19–29.
- Flores, P. J. (2004). Addiction as an attachment disorder: Implications for group psychotherapy. In B. Reading & M. Weegmann (Eds.), *Group psychotherapy and addiction* (pp. 1-18). Philadelphia, PA, US: Whurr Publishers. doi:10.1002/9780470713549.ch1
- Floyd, K., & Morman, M. (2003). Human affection exchange: Affection and communication in father-son relationships. *The Journal of Social Psychology*, 143(5), 599-612.
- Fox, H., Axelrod S., Paliwal, P., Sleeper, J. & Sinha, R. (2007). Difficulties in emotion regulation and impulse control during cocaine abstinence. *Drug and Alcohol Dependence*, 89(2-3), 298-301.
- Gentile, D., Bailey K., Bavelier, D., Brockmyer, J., Cash, H., Cayne, S., et al. (2017). Internet Gaming Disorder in Children and Adolescents. *Pediatrics Supplement*, 140, 81-85. doi:10.1542/peds.2016-1758H.
- Gentile, D., Choo, H., Liau, A., Sim, T., Li, D., Fung, D., et. al, (2011). Phatological vídeo game use among youths: A two-year longitudinal study. *Pediatry*, 127(2), e319-e329.
- Gill, R. (2014). *Addictions from an attachment perspective: do broken bonds and early traumalead to addictive behaviour?* London: Karnac.
- Griffiths, M. D. (2008). Diagnosis and management of video game addiction. *New Directions in Addiction Treatment and Prevention*, 12, 27-41.
- Griffiths, M. D., Kuss, D. J. & Pontes, H. M. (2016) A brief overview of Internet Gaming Disorder and its treatment. *Australian Clinical Psychologist*, 2(1), 2-12.

- Griffiths, M. D. (1999). Internet addiction: Internet fuels other addictions. *Student British Medical Journal*, 7, 428-429.
- Griffiths, M. D. (2000). Internet addiction: Time to be taken seriously? *Addiction and Research*, 8(5), 413-418.
- Griffiths, M. D., & Nuyens, F. (2017). An overview of structural characteristics in problematic video game playing. *Current Addiction Reports*, 272–283. <https://doi.org/10.1007/s40429-017-0162-y>.
- Hawkins, J., Catalano, R., & Miller, J. (1992). Risk and protective factors for alcohol and other drug problems in adolescence and early adulthood: Implications for substance abuse prevention. *Psychological Bulletin*, 112(1), 64-105.
- Hazan, C., & Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52(3), 511-524.
- Herbert, M. (2004). Parenting across the lifespan. In M. Ho-Ghughi & N. Long, (Eds.), *Handbook of parenting; Theory and research for practice*. London: Sage.
- Hubert, P. (2014). Jogadores patológicos *online* e *offline*: Caracterização e comparação. Tese apresentada ao departamento de psicologia e sociologia da Universidade Autónoma de Lisboa, para obtenção do grau de doutor, orientada por Manuel Sommer e Mark Griffiths, Lisboa. <http://repositorio.ual.pt/handle/11144/720> consultado em 14-11-2018.
- Ishak N., Yunus M., & Iskandar, I. (2010). Trust, communication and healthy attachment among Malaysian academically talented college students. *Procedia Social and Behavioral Sciences*, 9, 1529–1536.
- Izard, C. E. (2001). Emotional intelligence or adaptative emotions. *Emotion*, 1, 249-257.
- Kabasakal, Z. (2015). Life satisfaction and family functions as predictors of problematic Internet use in university students. *Computers in Human Behavior*, 53, 294-304.
- Kalaitzaki, A., & Birtchnell, J. (2014). The impact of early parenting bonding on young adults, Internet addiction, through the medication effects of negative relating to others and sadness. *Addictive Behaviours*, 39(3), 733-736.
- Kandri, T., Bonotis, K., Floros G., & Zafropoulou, M. (2014). Alexithymia components in excessive Internet users: A multi-factorial analysis. *Psychiatry Research*, 220(1-2), 348-355. doi:10.1016/j.psychres.2014.07.066
- Kim, M. (2012). Influence of adolescent's psychological variables and attachment with parents upon Internet game addicts and cellular phone addicts. *Korean Journal of Human Development*, 19, 1-22.

- Kobielski, S. (2002). Parent-child attachment and communication quality as indicators of psychological adjustment: preliminary implications for psychological maltreatment research. Master's Thesis presented to University of Richmond to the degree of master of arts in psychology. <http://scholarship.richmond.edu/masters-theses/1172>, consultado em 23/12/18.
- Lee, C. & Kim, O. (2017). Predictors of *online* game addiction among Korean adolescents. *Addiction Research & Theory*, 25(1), 58-66.
- Li, A., Lo, B., & Cheng, C. (2018). It is the family context that matters: Concurrent and predictive effects of aspects of parent-child interaction on video gaming-related problems. *CyberPsychology, Behavior & Social Networking*, 21(6), 374-380. doi:10.1089/cyber.2017.0566.
- Liau, A. , Neo, E. , Gentile, D., Choo, H., Sim, T., Li, D., & Khoo, A. (2015). Impulsivity, self-regulation, and pathological video gaming among youth: Testing a mediation model. *Asia-Pacific Journal of Public Health*, 27(2), NP2188 - NP2196. doi:10.1177/1010539511429369.
- Lumley, M. & Roby, K. (1995). Alexithymia and pathological gambling, psychotherapy and Psychosomatics, 63, 201-206. doi: 10.1159/000288960.
- Marôco, J. (2007). *Análise estatística – com utilização do SPSS* (3ª Ed.). Lisboa: Edições Sílabo, Lda.
- Marques, A. P. & Marques I., (2014). Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade (COMPA): Desenvolvimento e validação de uma medida da comunicação parento-filial. *Avances em Psicologia Latino-americana*, 32(1), 85-103. doi: 10.12804/apl32.1.2014.06
- Marty, P. & M'Uzan (1963). La pensée opératoire. *Revue Française de Psychanalyse*, 6, 197-207.
- Matos, M. & Costa M. (2006). (Des)continuidades na vinculação aos pais e ao par romântico em adolescentes. *Psicologia*, 20(1), 97-126.
- Monacis, L., Palo, V., & Griffiths, M. (2017). Exploring individual differences in *online* addictions: The role of identity and attachment. *International Journal of Mental Health and Addiction*, 15(4), 853-868.
- Morie, K., Yip, S., Nich, C., Hunkele K., Carroll K., & Potenza M. (2016). Alexithymia and addiction: A review and preliminary data suggesting neurobiological links to

- reward/loss processing. *Current Addiction Report*, 3(2), 239-248. doi:10.1007/s40429-016-0097-8.
- Müller, K., Janikian, M., Dreier, M., Wolfling, K., Beutel, M., Tzavara, C., et al. (2015). Regular gaming behavior and Internet gaming disorder in European adolescents: Results from a cross-national representative survey of prevalence, predictors, and psychopathological correlates. *European Child & Adolescent Psychiatry* 24, 565–574. doi:10.1007/s00787-014-0611-2
- Orford, J. (2011). An unsafe bet? The dangerous rise of gambling and the debate we should be having. Oxford, UK: John Wiley & Sons.
- Pais-Ribeiro, J. (2007). *Metodologia de investigação em psicologia e saúde*. Porto: Legis Editora.
- Park, S., Kim, J., & Cho, C. (2008). Prevalence of Internet addiction and correlations with family factors among South Korean adolescents. *Adolescence*, 43(172), 895-909.
- Patrão, I., & Sampaio, D. (2016). Dependências *online* – o poder das tecnologias. Lisboa: Pactor.
- Pick, S., & Palos, P. A. (1995). Impact of the family on the sex lives of adolescents. *Adolescent*, 30(119), 667-675.
- Pontes, H. & Griffiths, M., (2015). Internet Gaming Disorder and its associated cognitions and cognitive-related impairments: a systematic review using PRISMA guidelines. *Revista Argentina de Ciencias del Comportamiento*, 7(3), 102-118.
- Pontes, H., & Griffiths, M. (2016). Portuguese Validation of the Internet Gaming Disorder Scale – Short-Form. *Cyberpsychology, Behaviour and Social Networking*, 19(4), 288-293. doi: 10.1089/cyber.2015.0605
- Prados, M., Vicent, P., & Esteban, S. (2014). La Comunicación en la familia a través de las TIC: Percepción de los adolescentes. *Pulso*, 37, 35-58.
- Prazeres, N., Parker, J. D., & Taylor, G. (2000). Adaptação portuguesa da Escala de Alexitimia de Toronto de 20 itens (TAS-20). *Revista Ibero-Americana de Diagnóstico e Avaliação Psicológica*, 9(1), 9-21.
- Prioste, A., Tavares, P., Silva, C. S., & Magalhães, E. (2020). The relationship between family climate and identity development processes: The moderating role of developmental stages and outcomes. *Journal of Child and Family Studies*, 29, 1525–1536. doi:10.1007/s10826-019-01600-8

- Prioste, A., Tavares, P., & Magalhães, E. (2019). Tipologias de funcionamento familiar: Do desenvolvimento identitário à perturbação emocional na adolescência e adultez emergente. *Análise Psicológica*, 2(XXXVII), 173-192. doi:10.14417/ap.1534
- Reilly, C., & Smith, N. (2013). The evolving definition of pathological gambling in the DSM-5. *White paper* of the National Center for Responsible Gaming, 1, 1-5. http://www.ncrg.org/sites/default/files/uploads/docs/white_papers/Internetgambling_final.pdf, consultado em 20-11-18.
- Ricketts, T., & Macaskill, A. (2003). Gambling as emotion management: Developing a grounded theory of problem gambling. *Addiction Research and Theory*, 12(1), 77-87. doi:10.1080/1606635031000112546.
- Scabini, E., Marta, E., & Lanz, M. (2006). *The transition to adulthood and family relations*. New York: Psychology Press.
- Schimmenti, A., Passanisi, A., Gervasi, A. M., Manzella, S., & Fammà F. I. (2014). Insecure attachment attitudes on the onset of Internet problematic use among late adolescents. *Child Psychiatric and Human Development*, 45, 588-95.
- Schneider, L., King, D., & Delfabbro, P. (2017). Family factors in adolescent problematic Internet gaming: A systematic review. *Journal of Behavioral Addictions*, 6(3), 321-333. doi:10.1556/2006.6.2017.035
- Schore, J. & Schore, A. (2007). Modern attachment theory: The central role of affect regulation in development and treatment. *Clinical Social Work Journal*, 36(1), 9-20. Doi:10.1007/s10615007-0111-7.
- Segrin, C., & Flora, J. (2005). *Family communication*. London: Lawrence Erlbaum.
- Shaver, P. R., & Mikulincer, M. (2002). Dialogue on adult attachment: Diversity and integration. *Attachment and Human Development*, 4(2), 243-257.
- Shaver, P. R., Hazan, C., & Bradshaw, D. (1988). Love as attachment: The integration of three behavioral systems. In J. Sternberg & M. L. Barnes (Eds.), *The psychology of love* (pp. 68-99). New Haven, CT: Yale University Press.
- Simpson, J. (1990). Influence of attachment styles on romantic relationships. *Journal of Personality and social Psychology*, 59, 971-980.
- Suárez, L., Thio, C. & Singh, S. (2013). Why people play massively multiplayer online games? *International Journal of e-Education, e-Business, e-Management and e-Learning*, 1(3), 7-12. doi: 10.7763/IJEEEE.2013.V3.184

- Tajalli, F., & Zarnaghash, M., (2017). Effect of family communication patterns on Internet addiction. *Journal of Practice in Clinical Psychology*, 5(3), 159-166. doi:10.18869/acadpub.jpcp.5.3.159
- Tate, E. (2013). Addiction and attachment: mental health clinicians' use of attachment theory in the treatment of substance use disorders. Master's Thesis presented to Smith College School for Social Work, Northampton, MA. <https://scholarworks.smith.edu/theses/970> consultada em 12/12/18.
- Taylor, G. J. (1987). *Psychosomatic medicine and contemporary psychoanalysis*. Madison: International Universities Press, Inc.
- Taylor, G. J. (1994). The alexithymia construct: conceptualization, validation, and relationship with basic dimensions of personality. *New Trends in Experimental and Clinical Psychiatry*, X (2), 61-74.
- Taylor, G. J., Bagby, R. M., & Parker, J. D. A. (1991). The alexithymia construct: A potential paradigm for psychosomatic medicine. *Psychosomatics*, 32 (2), 153-164.
- Taylor, G., Bagby R., & Parker, J. (1997). Disorders of affect regulation: Alexithymia in medical and psychiatric illness. Cambridge University Press. Taylor, G., & Bagby, R. (2000). An overview of alexithymia construct. In R. Baron & Parker J. D. A. (Eds.), *Handbook of emotional intelligence* (pp. 40-67). San Francisco: Jossey-Bass
- Thorberg, F. A., & Lyvers, M. (2006a). Attachment, fear of intimacy and differentiation of self among clients in substance disorder treatment facilities. *Addictive Behaviors*, 31(4), 732-737. doi:10.1016/j.addbeh.2005.05.050.
- Toneatto T., Lecce, J. & Bagby, M. (2009). Alexithymia and pathological gambling. *Journal of Addictive Diseases*, 28(3), 193-198. doi:10.1080/10550880903014775.
- Toneatto, T. & Nguyen, L., (2007). Individual characteristics and problem gambling behavior In G. Smith, D., Hodgins, & R. Williams (Eds.). *Research and measurement issues in gambling studies* (pp. 280-295). San Diego: Academic Press.
- Torres-Rodríguez, A., Griffiths, M., Carbonell, X. & Oberst, U. (2018). Internet Gaming Disorder in Adolescence: psychological characteristics of a clinical sample. *Journal of Behavioral Addictions*, 7(3), 707-718.
- Vangelisti, A. L. (2004). *Handbook of family communication*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.
- Veríssimo, M., Monteiro, L., Vaughn, B., & Santos, A. J. (2003). Qualidade da vinculação e desenvolvimento sócio-cognitivo. *Análise Psicológica*, 21, 419-430.

- Wagner, A, Halpern, S. C., & Bornholdt, E. A (1999). Configuração e estrutura familiar: Um estudo comparativo entre famílias originais e reconstituídas. *Revista Psico*, 30(2), 63-73.
- Wang, C., Luo, J., Bai, Y., Kong, J., Luo, T., Gao, W., et al., (2013). Internet addiction of adolescents in China: Prevalence, predictors, and association with well-being. *Addiction Research and Theory*, 21(1): 62–69. doi 10.3109/16066359.2012.690053.
- Wartberg, L., Kriston, L., & Thomasius, R. (2017). The prevalence and psychosocial correlates of Internet gaming disorder—analysis in a nationally representative sample of 12- to 25-year-olds. *Deutsches Ärzteblatt international*, 114, 419-424.
- Wartberg, L., Kammerl, R., Rosenkranz, M., Hirschhäuser, L., Hein, S., Schwinge, C., et al. (2014). The interdependence of family functioning and problematic Internet use in representative quota sample of adolescents. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 17(1). doi:10.1089/cyber.2012.0494.
- Watzlawick, P., Beavin, J., & Jackson, D., (1993). *Pragmática da comunicação humana. Um estudo dos padrões, patologias e paradoxos da interação* (9ª ed.). São Paulo: Cultrix.
- Williams, A., Grisham J., Erskine, A. & Cassedy E. (2012). Deficits in emotion regulation associated with pathological gambling. *British Journal of Clinical Psychology*, 51, 223-238.
- Yen, J. Y., Yeh, Y. C., Wang, P. W., Liu, T. L., Chen, Y. Y., & Ko, C. H. (2018). Emotional regulation in young adults with Internet gaming disorder. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 15(1), 1-11. doi:10.3390/ijerph15010030.
- Young, K. (2011). *Dependência da Internet: Manual e Guia de avaliação e tratamento*. Porto Alegre: Artmed.
- Zambianchi, M., & Bitti, P. (2014). The role of proactive coping strategies, time perspective, perceived efficacy on affect regulation, divergent thinking and family communication in promoting social well-being in emerging adulthood. *Social Indicators Research*, 116(2), 493-507. doi:10.1007/s11205-013-0307- X.
- Zapf, J., Greiner, J. & Carroll, J., (2008). Attachment styles and male sex addiction. *Sexual Addiction & Compulsivity*, 15(2), 158–175. doi/10.1080/10720160802035832.
- Tajalli, F., & Zarnaghash, M., (2017). Effect of family communication patterns on Internet addiction. *Journal of Practice in Clinical Psychology*, 5(3), 159-166. doi:10.18869/acadpub.jpcp.5.3.159.